

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO

ELAINE FARIA DE AVELLAR

**REPENSANDO O FRACASSO ESCOLAR NA
ALFABETIZAÇÃO**

Campinas -SP
2006

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO

ELAINE FARIA DE AVELLAR

**REPENSANDO O FRACASSO ESCOLAR NA
ALFABETIZAÇÃO**

Memorial apresentado ao Curso de Pedagogia
– Programa Especial de Formação de
Professores em Exercício nos Municípios da
Região Metropolitana de Campinas, da
Faculdade de Educação da Universidade
Estadual de Campinas, como um dos pré-
requisitos para conclusão da Licenciatura em
Pedagogia.

Campinas -SP-
2006

**Ficha catalográfica elaborada pela biblioteca
da Faculdade de Educação/UNICAMP**

Av33i Avellar, Elaine Faria de
Repensando o fracasso escolar na alfabetização : memorial de formação /
Elaine Faria de Avellar. – Campinas, SP: [s.n.], 2006.

Trabalho de conclusão de curso (graduação) – Universidade Estadual
de Campinas, Faculdade de Educação, Programa Especial de Formação de
Professores em Exercício da Região Metropolitana de Campinas (PROESF).

1. Trabalho de conclusão de curso. 2. Memorial. 3. Experiência de vida.
4. Prática docente. 5. Formação de professores. I. Universidade Estadual de
Campinas. Faculdade de Educação. III. Título.

06-630

A todos os educadores comprometidos
com a Educação.

AGRADECIMENTOS

Aos meus familiares.

Às minhas colegas de classe, pessoas a quem aprendi a respeitar e valorizar a cada dia durante o curso.

Aos professores do curso que foram pacientes e perseverantes ao ensinar o melhor sobre a teoria e a prática pedagógica.

Não se deve fazer para as crianças
aquilo que elas possam fazer por si próprias.

São João Crisóstomo

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO.....	06
1. HISTÓRIA DE VIDA.....	08
1.1 – Dados pessoais.	08
1.2 – O ingresso na Escola Primária.	08
1.3 – Curso Ginásial.....	08
1.4 – Formação no curso de Magistério.	08
1.5 – Profissionalização.....	09
1.6 – No Proesf.	09
2. REFLEXÕES TEÓRICAS SOBRE O TEMA.....	10
2.1- Dificuldades na Alfabetização.	10
3 ALFABETIZAÇÃO NA EDUCAÇÃO INFANTIL.....	13
4 A REALIDADE DA ALFABETIZAÇÃO NA ESCOLA.	16
5 O PROCESSO DE AQUISIÇÃO DA ESCRITA E DA LEITURA.....	20
6 CONTRIBUIÇÃO DA PSICOPEDAGOGIA.....	22
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	24
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	26

APRESENTAÇÃO

A realização deste trabalho tem a finalidade principal de atendimento de avaliação no curso de Pedagogia (PROESF), mostrando um relato da trajetória de minha formação educacional até a presente data, procurando estabelecer relações da prática pedagógica vivida em sala de aula e as teorias conhecidas no curso de Pedagogia.

Para realizá-lo da melhor maneira possível, parti das lembranças de situações vividas nas condições sociais e familiares, minha formação educacional inicial, a formação no magistério, avançando para a entrada na universidade. Procuro analisar minha prática pedagógica, cujo contexto despertou e proporcionou condições de uma reflexão sobre a formação global de uma professora, levando em conta, principalmente, as relações afetivas que julgo serem essenciais nesse contexto.

Quanto à reflexão de um tema relevante, manifestado durante o transcorrer da formação, escolhi o Fracasso Escolar na Alfabetização, e as conseqüências que isto tem trazido para a prática diária junto com as crianças na escola. Importante também, que esta reflexão possa influenciar positivamente nas atuações como membro da realidade escolar.

Com esta oportunidade de escrever um memorial, representando uma forma escrita de se registrar as memórias, procura-se relatar fatos e acontecimentos importantes da vida desta professora. É verdadeiramente uma marca que serve para lembrar coisas, partes essenciais, acontecimentos passados que assumiram matizes, e assim, estou me desdobrando sobre a minha própria vida.

Ao recordar, passamos a refletir sobre como compreendemos nossa própria história e a dos que nos cercam. Vamos nos inscrevendo numa história que não está mais distante e, sim, impregnada das memórias que nos tomam e da qual muitos outros fazem parte.

Possivelmente, será apenas uma parte que pretende que se saiba e que deve ser lembrada. Não é uma biografia/autobiografia, pois não há compromisso em historiar toda a vida. É um texto que relata fatos memoráveis, importantes para estes professores, que fizeram parte de minha vida. São marcas, são sinais, um registro do que considero essencial para mim mesma, e retrata a minha passagem pela formação profissional.

Acho importante dizer que se passa numa condição de me encontrar participando de um curso de Formação Profissional de Magistério. Mais uma vez, portanto, tem muito a ver com as condições, situações e contingências que me envolvem atualmente.

Nessa ação um pouco confessional, apresento emoções, sentimentos inscritos na memória, e aproveito para refletir e discorrer sobre um tema que acho relevante em minha profissão, ou seja, O Fracasso Escolar na Alfabetização.

1. HISTÓRIA DE VIDA

A seguir está um relato de tudo aquilo que veio como lembrança desta professora, num esforço em melhor apresentar aquilo de relevante que aconteceu no período de formação escolar.

Representa em seu conteúdo minha trajetória de vida pessoal e profissional, e as influências que interferiram na minha formação moral, social, intelectual e emocional.

Quando estive forçando a memória, tive um retorno ao passado, e assim procurei relatar de forma narrativa os fatos importantes em minha formação, até chegar ao ponto de educadora do Ensino fundamental, e participante do Curso do PROESF.

Para que todos que tiverem acesso a este trabalho, afirmo que será um completo retrospecto de uma vida dedicada a uma profissão digna: uma professora.

1.1. Pessoais

Nome: Elaine Faria de Avellar

Natural: São Paulo-SP

1.2. Escola Primária

Local: São Paulo/SP - Bairro de Interlagos

Primeira Professora: “Dona Cleide”

Acontecimento: Problemas de Alfabetização no período inicial de alfabetização

1.3. Ginásial

Escola:EEPSG México – Bairro Jabaquara em São Paulo/SP

1.4. Curso do Magistério

Escola:EEPSG Comendador Emílio Romi – Santa B. d’ Oeste/SP

1.5. Profissionalização

- 1º Emprego: Comércio, numa loja de conveniências
- 2º Emprego: Professora concursada no CAIC – Prefeitura Municipal de Americana.

1.6. PROESF

Tive oportunidade de cursar Pedagogia no PROFESF (Programa Especial para Formação de Professores em Exercício na Rede de Educação Infantil e Primeiras Séries do Ensino Fundamental da Rede Municipal dos Municípios da Região Metropolitana de Campinas) .

Uma importante característica deste curso é a de oferecer a formação pedagógica também aos professores que atuam na Educação Infantil, além dos professores que atuam de primeira a quarta séries do ensino fundamental.

De acordo com a proposta apresentada pela Unicamp (2005), o curso está fundamentado na concepção de professor como profissional do ensino que tem, na tarefa de cuidar da aprendizagem dos alunos, a perspectiva da construção de uma cidadania consciente e ativa que lhe permita identificar e posicionar-se frente às transformações em curso e incorporar-se na vida produtiva e sócio-política, respeitada a diversidade pessoal e cultural.

Os princípios do curso contemplam características da formação docente consideradas, na atualidade, como inerentes à atividade pedagógica.

Ainda de acordo com a Unicamp (2005), a proposta do curso foi elaborada visando a uma educação continuada e à integração da experiência docente dos professores em exercício, do desenvolvimento da pesquisa e do aprofundamento teórico desses professores.

Durante esta participação tive oportunidades boas e alguns problemas de saúde, mas com sacrifícios estou conseguindo seguir o curso, com empenho.

Foi neste curso que fui orientada para avaliação, fazer um relato de rememoração de minha vida, o que me levou a refletir sobre tudo que ocorreu em minha trajetória de formação.

2. REFLEXÃO TEÓRICA SOBRE O TEMA

2.1. Dificuldades na Alfabetização

Para que haja um melhor acompanhamento teórico a respeito de dificuldades de aprendizagem na alfabetização, fiz um levantamento prévio de alguns aspectos já detectados por mim, durante minha vivência como aluna, e agora como educadora em sala de aula. Os aspectos aqui apontados têm objetivos apenas de levantar argumentos para que sejam pesquisados teoricamente, em situações escolares e não clínicos.

São estes os aspectos que conduziram a escolha do tema a ser refletido neste memorial, pois são inquietações que têm origem desde meus tempos escolares de aluna, e que ainda persistem em tempo de educadora.

Tomando classificações e conceituações apresentadas por Ballone (2003), coloco alguns problemas apresentado durante os processos de aprendizagem escolar:

1 - "hiperatividade" – Durante todo o tempo que estive freqüentando escolas, sempre observei crianças com atividades e ações exageradas em comparação com as demais crianças, que apresentam falta de atenção ao que lhes é apresentado.

2 - "fobia escolar" – Refletindo sobre meu período escolar inicial, sempre tive lembranças de crianças que apresentam comportamento de medo da escola, e assim ficam tensas nas atividades, principalmente em termo inicial, quando estão sendo alfabetizadas;

3 - "distúrbio neurológico" – Embora em minhas observações pessoais de amigos na escola, não tenho lembrança de algum que possa ter sido classificado como portador de “distúrbio neurológico”, mas confesso que já observei crianças que têm comportamentos deficientes e que merecem atenção especial, por apresentarem déficits de comportamentos e aprendizagem, e geralmente são tratados na APAE Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais.

4 – “depressão infantil” – Era muito comum quando havia pressão dos professores junto as crianças, muitas delas ficavam com comportamento que são aqui classificados como depressivos. São crianças que têm crises de choro, medo, aversões, por motivo diversos, a serem investigados.

5 – “criança disléxica” Esta classificação foi tão comum dentro das classes que freqüentei, pois sempre havia crianças com problemas de troca de letras, na escrita, na fala., e que tinham dificuldade em decodificar certas letras.

6 – “crianças sensíveis e emocionalmente retraídas” Fui amiga de muitas crianças que apresentavam comportamento de dificuldades de aprendizagem depois de submetidas à alguma situação constrangedora não percebida pelos demais. Trata-se de uma situação corriqueira agindo sobre uma criança afetivamente diferenciada, que nem sempre é dada a atenção merecida por parte da escola.

A aprendizagem da leitura e escrita tem sido objeto de estudo, e bastante questionado no meio educacional, no que diz respeito ao domínio da escrita propriamente dita, e ainda quanto as repercussões dessa aprendizagem nos vários aspectos da escolaridade. A primeira tarefa que a criança tem ao ingressar na escola, é aprender a ler e escrever, sendo a alfabetização o centro das expectativas de pais e professores, conforme afirma Moojen (2005). Os pais e a própria criança não têm, em geral, razão para duvidarem do sucesso nessa nova aprendizagem. No entanto, o que muitas vezes os pais e professores não consideram, é que a leitura e a escrita são habilidades que exigem da criança a atenção para aspectos da linguagem aos quais ela não precisa dar importância, até o momento em que começa aprender a ler e escrever. Por isso, toda a criança encontra alguma dificuldade na aprendizagem da leitura e da escrita.

Aprender a ler exige novas habilidades, novos desafios à criança com relação ao seu conhecimento da linguagem. Por isso, aprender a ler é uma tarefa complexa e difícil para todas as crianças.

Quando as crianças não conseguem atender às expectativas da professora, supõe-se e conclui-se que elas têm problemas, pois a escola constrói um modelo de bom aluno, mas nem todas crianças se adaptam dentro desse modelo, quando isso acontece os professores recorrem as muletas para explicar tal situação: “estas crianças não podem aprender porque não há ajuda familiar, falta de maturidade, suposta lesão cerebral mínima ou transtornos do tipo: psicomotora, na fonação, percepção, etc...”(FERREIRO, 1989, p. 73).

Sobrecarregados de tantos males estas crianças acabam aprendendo que não poderão aprender, buscando estratégias de sobrevivência neste sistema, tentam adequar-se às normas e copiam do quadro mesmo sem saber como e porquê. Outras se recusam a copiar, procuram outras atividades para fazer, surgindo o espaço ideal para a indisciplina.

Segundo FERREIRO (1989)

A escola geralmente, ineficiente para introduzir as crianças no mundo da língua escrita, é contudo, extremamente eficiente para conseguir fazer com que assumam a culpa de seu próprio fracasso: um dos maiores danos que se pode fazer a uma criança é leva-la a perder a confiança em sua capacidade de pensar (p.73).

Nesse contexto, o ensino da escrita tem se reduzido a uma simples técnica que serve e funciona num sistema de reprodução cultural. Os efeitos desse ensino são evidentes, não apenas nos índices de evasão e repetência, mas nos resultados de uma alfabetização sem sentido que produz uma atividade sem consciência, desvinculada da realidade e desprovida de sentido, tornando a escrita um instrumento seletivo, dominador e alienador.

Já é bem conhecido o fato de que o fracasso escolar não se distribui democraticamente no conjunto da população, como diz Ferreiro (1989).

O fracasso escolar inicial, que é o da alfabetização, se concentra nas populações urbanas e rurais marginalizadas.

Constitui, também, lugar comum assinalar correlações positivas entre o fracasso da alfabetização no tempo escolar requerido e fatores como estado de saúde da criança (especialmente o nutricional), o nível de educação dos pais, as condições gerais de vida, etc. Os professores e a instituição escolar têm aceitado, com facilidade, a realidade de tais fatos.(FERREIRO, 1989).

3. ALFABETIZAÇÃO NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Vista como um simples processo de decifração do código escrito, acredito que esta não seja uma tarefa para a pré-escola. Nem para qualquer outra. O quê e como ensinar vem sendo muito discutido, mas, felizmente o conceito de alfabetização vem sofrendo alterações ao longo do tempo na medida em que diferentes correntes psicológicas, sociológicas, lingüísticas têm influenciado a prática pedagógica. E cada uma delas chama a atenção dos interessados para um aspecto do processo ainda que não consiga, na maioria das vezes, defini-lo de forma suficientemente abrangente.

Ultimamente, tem-se procurado dar à alfabetização o cunho de "iniciação", pois a palavra tem sido utilizada em muitos campos do conhecimento científico: "alfabetização matemática", "alfabetização ecológica", "alfabetização científica" etc. Se é assim, ela começa antes mesmo da pré-escola, já quando a criança, curiosa, começa a explorar o mundo ao seu redor e é estimulada para isso. Mas não basta. Na pré-escola, no dia-a-dia de nossa sala de aula, a alfabetização é um processo mais complexo e mais completo.

Geraldi (1984) afirma que é através da alfabetização que a criança, como sujeito, assume sua identidade como ser no mundo, passando a integrar-se de forma satisfatória com ele, conhecendo-se e conhecendo os outros sujeitos, assim como ao ambiente, de forma a garantir uma convivência harmônica e produtiva. A alfabetização passa a ser vista, então, como o instrumento que permite ao homem sair do caos de uma visão indiferenciada da realidade para buscar a organização tão necessária para a sua própria sobrevivência e da humanidade.

Acreditando ter coerência neste conceito, não se pode encerrar a alfabetização dentro da sala de aula, nem reduzi-la a uma abordagem simplista da linguagem como se o "ler" se resumisse àqueles exercícios programados com o objetivo único de garantir o domínio da técnica da leitura da palavra.

Embora a palavra seja de enorme significância para a compreensão da realidade, é apenas um dos instrumentos que fazem parte do processo de alfabetização. A criança começa a se alfabetizar muito antes de entrar na escola. E desde então ela já usa a palavra de forma satisfatória, pois a mesma tem aprendizagem inicial fora da escola, formando seu

pequeno vocabulário para se expressar e comunicar com as pessoas. Quando começa a identificar os objetos de sua realidade bem como os atributos que lhe são próprios, a criança inicia um processo de leitura que lhe permite conhecer tudo aquilo que está ao seu redor, passando daí a perceber a relação que existe entre os objetos e a compreender toda a gama de relações possíveis.

Nesse percurso a criança esbarra com a escrita antes mesmo de entrar para a escola (já que a fala a criança já conhece e manifesta) e passa a reconhecê-la também como um objeto dessa realidade, cuja posse vai lhe possibilitar o acesso aos segredos da história, da ciência, da ficção... enfim, de todo o pensamento humano acumulado ao longo do tempo.

Ao mesmo tempo em que tem acesso ao pensamento da humanidade a partir do domínio da linguagem, através da leitura e da escrita ela pode se servir destes "segredos" e descobertas para melhorar a qualidade desta mesma linguagem, enriquecendo seu vocabulário e ampliando seu universo de comunicação, enfim, fazendo-se entender por um número cada vez maior de pessoas.

Não é possível, portanto, falar-se em alfabetização sem se falar em interdisciplinaridade. Segundo Ferreiro (1991) As informações que o professor veicula, tanto no momento da aquisição como da sistematização do código já dominado, devem estar contextualizadas de tal forma que, ouvindo, falando, lendo ou escrevendo sobre um fato a criança seja capaz de perceber a linguagem como um elemento essencial do progresso, assim como a leitura e a escrita como instrumentos de ascensão social e poder.

Ainda em Ferreiro (1991), dizemos que por se constituir num projeto interdisciplinar, a alfabetização não pode ser considerada tarefa de um único educador. Especialmente porque ela não se limita no tempo. Não tem um momento para começar nem tampouco para terminar. Começa muito antes de a criança entrar na escola, continua na pré-escola e tem seu ponto alto no Ciclo Básico, mas continua ainda pelo menos ao longo das oito séries do primeiro grau, quando a criança, aprendendo o conteúdo das diversas disciplinas continua usando a linguagem (ouvir, falar, ler e escrever) para formar e sistematizar conceitos com um vocabulário específico (diferentes conteúdos), mas com uma gramática comum que pode ser "descoberta" a partir das formulações adequadas, próximas àquele modelo que se costuma chamar de linguagem "cultura".

De forma geral, segundo Geraldí (1984), o sujeito que aprende fala sobre o que percebe de uma dada realidade e suas relações com outras realidades, além do que é capaz

de escrever sobre o que fala. A maior ou menor adequação desta escrita depende não só do domínio da gramática, mas também da compreensão satisfatória do conhecimento ao qual o texto se refere. Texto e contexto estão significativamente relacionados (ou deveriam estar, embora a escola ainda seja o único lugar em que muitas vezes a criança escreve (texto) sobre absolutamente nada (contexto) e, quando começa a aprender a ler também lê textos sem sentido, escritos sobre nada).

É urgente a necessidade de uma mudança. Trabalhar a alfabetização de forma interdisciplinar pode ser uma das maneiras de tornar a criança mais interessada e conseqüentemente, mais permeável à aprendizagem da leitura e da escrita. Aprender a "ler o mundo" (FREIRE, 1982). Este sim, é um processo que pode começar na pré-escola.

Como organizar as idéias sobre esse mundo?

Classificar e ordenar são os processos. Que fatos, dados ou objetos? - São os conteúdos, que dependem muito mais da visão ampla ou restrita que a professora tem desse mundo do que propriamente de listas pré-estabelecidas por pessoas desvinculadas do contexto da sala de aula.

4. A REALIDADE DA ALFABETIZAÇÃO NA ESCOLA

Quando a criança chega à escola, traz consigo uma série de experiências, uma visão de mundo e, por isso, não será na escola que formará pela primeira vez sua opinião sobre a linguagem escrita. É claro que há algumas crianças que não tem contato freqüente com a escrita e a leitura em sua casa e que comumente não foram na pré-escola, mas não é por isso que não terão nenhum conceito. Porque elas observam que existem escrita por toda parte do mundo que o cerca e, por isso ela já possui algum conceito sobre o mundo da alfabetização.

É preciso que os diversos segmentos sociais possam capacitar as crianças para terem uma vida produtiva e conhecimentos necessários para poder enfrentar os inúmeros desafios impostos pela sociedade contemporânea.

A respeito dessa informação tenho a acrescentar que em minha realidade escolar, no ano de 1998 trabalhei com uma classe comum, sem atendimento específicos para crianças com necessidades especiais, mas que apresentava alunos com dificuldades de aprendizagem. É importante salientar que os alunos eram agrupados por graus de dificuldades. Mas percebeu-se uma certa incoerência na metodologia e com isto trouxe resultados não satisfatórios.

Notou-se, nesta realidade escolar vivida por esta pesquisadora, que não eram as dificuldades apresentadas pelas crianças, mas que também era deficiente o método utilizado pelos professores e o tratamento dispensado por eles, pois estes rotulavam as crianças como aquelas que não conseguiam apreender mesmo.

Quando se efetuou os agrupamentos, dando atenção especial aos seus problemas e suas necessidades, acabou por conhecer sucesso e progresso na aprendizagem.

De acordo com os Parâmetros Curriculares Nacionais (1997, p. 47):

Um ensino de qualidade, que busca formar cidadãos capazes de interferir criticamente na realidade para transformá-la, deve também contemplar o desenvolvimento de capacidades que possibilitem adaptações às complexas condições e alternativas de trabalho que temos hoje e a lidar com a rapidez na produção e na articulação de novos conhecimentos e informações, que têm sido avassaladores e crescentes.

A formação escolar deve possibilitar aos alunos condições para desenvolver competência e consciência profissional, mas não restringir-se ao ensino de habilidades imediatamente demandadas pelo mercado de trabalho.

A escola numa perspectiva de formação integral do educando, deve valorizar a cultura da própria comunidade, permitindo e oportunizando à criança participar de culturas diferentes para aprender a respeitar e valorizar, interagindo com diferentes grupos sociais, os alunos vão construindo novos conceitos e conhecimento sobre a sociedade.

A alfabetização precisa ter um espaço especial na escola, porque é nela que o educando vai construir seu processo de leitura e escrita e também irá construir seus primeiros passos para vida escolar.

Por isso a escola precisa refletir bem com toda equipe escolar, para definir que tipo de currículo vai utilizar para ocorrer o processo de alfabetização e qual metodologia e prática pedagógica utilizada vai suprir as necessidades dos alunos e proporcionar alfabetização que desenvolva e construa verdadeiramente habilidades, competência de linguagem e escrita.

A escola tendo um currículo que trabalhe com todos os alunos, respeitando as individualidades e dificuldades, está trabalhando para formar um cidadão pleno, com responsabilidade.

A escola é uma das instituições que tem responsabilidade com a transformação social. Mas essa transformação só ocorrerá se o educando for preparado para participar, tendo capacidade para atuar, visando o desenvolvimento de liberdade e responsabilidade, solidariedade e justiça, como também ser capaz de construir e transformar a sociedade em que está inserido.

Cagliari considera que (1998, p. 56):

A verdadeira aprendizagem proporciona ao aluno generalizar o processo de tal maneira que a intermediação do professor vai, aos poucos, cedendo lugar a sua própria independência e competência para buscar as explicações adequadas por si mesmo e a construir seu próprio saber.

Os professores precisam se conscientizar que a alfabetização é um processo de construção do aluno, que a criança a partir de suas hipóteses vai construindo sua aprendizagem, que o aluno interagindo com o meio vai se tornando mais crítico e

autônomo, a alfabetização, é, portanto, a apropriação de um objeto conceitual, de acordo com Cagliari (1998).

Na alfabetização, os alunos repetem as lições que dominam sem muitas vezes saber o que significam. E quando precisam explicar ou construir alguma coisa à partir do que já viram, acabam revelando que, o que sabem é somente o que tem decorado ou dominado.

Alunos que passam pelo processo de alfabetização dessa maneira, raramente chegam a descobrir como funciona realmente o sistema de escrita e conseqüentemente não conseguem decifrar algo para ler se não tiver decorado. E assim, muitos alunos não obtém sucesso no processo de alfabetização.

A prática alfabetizadora vem sendo repensada pelos educadores, através de estudos e reflexões, pois práticas que não priorizam o aluno como o autor de sua aprendizagem, ainda deixam a desejar, já que o conhecimento pode ser adquirido pelo sujeito com auxílio do professor.

O educando possui hipóteses e dúvidas que o educador pode transformá-la em aprendizagem ou não, depende da maneira como ele vai conduzir a situação.

O processo de aprendizagem deve ser uma troca onde educando e educador aprendam juntos, nesse processo o professor não deve ser o único dono do saber.

De acordo com Paulo Freire (1987, p. 68):

Desta maneira, o educador já não é o que apenas educa, mas o que, enquanto educa, é educado, em diálogo com o educando que, ao ser educado, também educa. Ambos, assim, se tornam sujeitos do processo em que crescem juntos e em que os “argumentos de autoridade” já não valem.

A aprendizagem ocorre em cada indivíduo de maneira diferente, cada um tem seu ritmo e forma diferenciada de aprender. Cabe ao professor conhecer e respeitar essas diferenças, para ajudar cada um a construir seu saber, através de seus conhecimentos já adquiridos e sua realidade.

Na alfabetização, ainda ocorre um grande número de crianças que não conseguem aprender. Esses casos de alunos que não se alfabetizam são conhecidos como fracasso escolar.

Quando ocorre o fracasso, os professores, geralmente, colocam a culpa nos alunos sem antes repensar sua prática e refletir sua teoria, para procurar descobrir se o fracasso

ocorreu em função do aluno realmente ter dificuldades, ou por uma questão de inadequação metodológica.

Aqui também fica, como já mencionado anteriormente, que em vivência como educadora, pude observar fatos em que se rotulavam crianças como “burras”, e não conseguem aprender mesmo, ficando sempre sem atenção.

Para conseguir lidar com o problema do fracasso na alfabetização é preciso utilizar uma metodologia inovadora que respeite a individualidade, o ritmo e o tempo de aprendizagem de cada aluno.

5. O PROCESSO DE AQUISIÇÃO DA ESCRITA E DA LEITURA

Na instituição escolar costuma-se falar em “alfabetização”. O termo é complicado porque pressupõe um objetivo a ser alcançado (alfabetizar e ortografizar simultaneamente) que depende do professor e de uma metodologia específica, do que da própria criança.

Tradicionalmente, os métodos de alfabetização, traziam o “alfabetizador” como detentor do saber institucional sobre a escrita, e a ele cabia, treinar o alfabetizado, e a criança tinha o papel de ser a repetidora, nas atividades tradicionais da escola. A metodologia era vista como fundamental, ocupando o lugar de uma teoria sobre o processo de aquisição da leitura e da escrita.

Parece-me relevante, por exemplo observar que, embora se possa assumir, em ambos os casos, a interação, a relação dialógica, como a “moldura” do processo de construção, a natureza de interlocutores é bem diversa: se a linguagem oral e situações de interesse que a pressupõem implicam, na maioria dos casos, interlocutores presentes que negociam a todo momento os papéis sociais e os atos de significar através da linguagem, a linguagem escrita existe para possibilitar a leitura através do tempo e do espaço.

Segundo Freire (1982), as situações reais de escrita pressupõem, na maioria dos casos, interlocutores distantes, sendo a interação mediada pelo próprio objeto escrito e sua interpretação. Isso pode modificar, consideravelmente, os processo de negociação e atribuição de significados e papéis sociais via linguagem, assim como a negociação das formas da própria linguagem escrita.

Ainda nas concepções de Freire (1982), define-se, assim, uma diferença importante entre dois processos de aquisição: na construção da linguagem oral a reelaboração de hipóteses é, muitas vezes, imediata, a partir de uma situação dialógica em que a criança tem como espelho o interlocutor adulto e seu modelo lingüístico.

Na construção da escrita, a criança, embora comece logo a elaborar uma representação do seu interlocutor, não tem acesso imediato às formas escritas de uso convencional, as quais deveriam servir de espelho para as suas hipóteses, colocando em evidência, em muitos casos, a necessidade de uma reelaboração.

Essa distância espacial e/ou temporal entre os interlocutores da escrita poderia justificar a mediação da escola durante o processo de construção da escrita por parte das crianças.

Nesse sentido poder-se-ia redefinir o papel da escola como sendo: o de selecionar e organizar dados que se mostrem necessários para que as crianças reflitam sobre a escrita que estão elaborando, o de explicar as suas hipóteses e, a partir delas, discutir os usos e aspectos convencionais determinados pelo caráter eminentemente social da escrita. A escola estaria, assim desempenhando um papel de suma importância ao transformar-se em interlocutor presente da criança, facilitando e agilizando o processo de construção da leitura/escrita por parte de todas as crianças.

Hoje, está se tentando por novos métodos de alfabetização, em que vejo na prática escolar, um esforço maior para se conseguir que a criança crie seus conhecimentos, participando de modo significativo na construção e elaboração de seus conhecimento e desenvolvimento da leitura e escrita.

Noto também que os professores têm aceitado mais a idéia de aproveitamento dos conhecimentos e habilidades já adquiridas das crianças, para partindo daí, se possa colocar mais novidades de conhecimentos e com isto dando maior incentivo de participação.

Há uma evidência em minha realidade escolar que os problemas apresentados pela escrita, estão sendo tratados com mais competência pelos professores, que procuram mudar de métodos, de estratégias, e solicitam mais empenho da criança, a fim de se conseguir maior eficiência e aproveitamento.

Acredito que hoje, já se escreve e já lê com mais consciência, pois a criança deixa de ser mero repetidora, para ser formadora de seus conceitos e saberes.

5. CONTRIBUIÇÃO DA PSICOPEDAGOGIA

A Psicopedagogia em seu papel de se ocupar da aprendizagem humana, surgiu de uma demanda: o problema de aprendizagem, colocado num território pouco explorado, situado além dos limites da Psicologia e da própria Pedagogia.

Segundo Scoz (1994) como se preocupa com os problemas de aprendizagem, o psicopedagogo deve ocupar-se inicialmente com o processo de aprendizagem, como se aprende, como essa aprendizagem varia, e como se produzem as alterações na aprendizagem, como reconhecê-las, tratá-las e preveni-las.

Segundo BOSSA (1994), o objeto central de estudo da Psicopedagogia está se estruturando em torno do processo de aprendizagem humana: seus padrões evolutivos normais e patológicos, bem como a influência do meio (família, escola, sociedade) no seu desenvolvimento.

Ainda em Bossa (1994), o trabalho na instituição escolar apresenta duas naturezas: o primeiro diz respeito a uma psicopedagogia voltada para o grupo de alunos que apresentam dificuldades na escola. O seu objetivo é reintegrar e readaptar o aluno à situação de sala de aula, possibilitando o respeito às suas necessidades e ritmos. Tendo como meta desenvolver as funções cognitivas integradas ao afetivo, desbloqueando e canalizando o aluno gradualmente para a aprendizagem dos conceitos, conforme os objetivos da aprendizagem formal. O segundo tipo de trabalho refere-se à assessoria junto à pedagogos, orientadores e professores. Tem como objetivo trabalhar as questões pertinentes às relações vinculares professor-aluno e redefinir os procedimentos pedagógicos, integrando o afetivo e o cognitivo, através da aprendizagem dos conceitos, as diferentes áreas do conhecimento.

Segundo BOSSA (1994, p. 13), no exercício preventivo, pode-se falar em três níveis de prevenção:

No primeiro nível, o psicopedagogo atua no sentido de diminuir a frequência dos problemas de aprendizagem. Seu trabalho recai nas questões didático-metodológicas, bem como na formação e orientação de professores, além de fazer aconselhamento aos pais. No segundo nível, o objetivo é diminuir e tratar dos problemas de aprendizagem já instalados, a partir das quais procura-se avaliar os currículos com os professores para que não se repitam tais transtornos. No terceiro nível, o objetivo é eliminar os transtornos já instalados, num

procedimento clínico com todas as suas implicações. O caráter preventivo permanece aí, uma vez que, ao eliminarmos um transtorno, estamos prevenindo o aparecimento de outros.

Na sua tarefa junto às instituições escolares, o psicopedagogo, numa ação preventiva, deve adotar uma postura crítica frente ao fracasso escolar, visando propor novas alterações de ação voltadas para a melhoria da prática pedagógica nas escolas.

Segundo Fernandez:

Para resolver o fracasso escolar necessitamos recorrer principalmente a planos de prevenção nas escolas – batalhar para que o professor possa ensinar com prazer para que, por isso, seu aluno possa aprender com prazer, tende a denunciar a violência encoberta e aberta, instalada no sistema educativo, entre outros objetivos.(1990, p. 81-82).

De acordo com minha experiência docente, há uma maior capacitação dos professores alfabetizadores, não só nos cursos de Pedagogia, como uma procura de especializações em cursos de formação continuada, pós-graduação, e mesmo palestras nas Diretorias de Ensino, que trazem maior competência nas ações frente as situações de problemas e dificuldades de aprendizagem, em especial, quando se trata de leitura e escrita.

Os problemas são enfrentados, segundo minha visão de observação em classe, diretamente em classe comum, não necessitando acompanhamento de especialistas, devido a própria capacitação do alfabetizadores, pela aplicação de novas técnicas de intervenção junto aos alunos com dificuldades de linguagem.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta escrita do memorial, consegue promover a reflexão sobre a experiência profissional, e ainda contribui para a (re) descoberta de si mesmo e a (re)construção do “ser” docente. O memorial tem o objetivo de (re)construção da identidade profissional, tornando-se um veículo de autoformação do professor.

Procurei refletir de forma intensa, nesta oportunidade, sobre o uso das situações de estudo e trabalho na formação de professores do ensino fundamental, na situação específica de formação em serviço.

Objetivei com esta escrita, principalmente, em chamar a atenção sobre a oportunidade para o desenvolvimento do autoconhecimento, considerado como competência necessária para a aprendizagem de outras competências docentes.

Minha conclusão vai em direção de se ressaltar que é pela rememoração que o professor-em-formação assume a ressignificação de suas práticas, de novas formas de ser e de viver juntos. É uma tomada de consciência, na situação deste trabalho, para um desenvolvimento na construção do autoconhecimento.

Acabo por admitir que esta pesquisa tem um valor que vai muito além desta rememoração, pois força o educador a praticar as ações de linguagem escritas, e com isto recupera suas próprias estratégias de aprendizagem no jogo de sua formação.

No transcorrer da exposição feita, recorreu-se à noção de ações de linguagem, utilizando-se transcrições e citações de autores e uma linguagem mais voltada ao contexto institucional educacional, para mostrar equilíbrio entre a vivência rememorada e a realidade transcrita no texto.

Acredito que tomando a narrativa através dos memoriais de formação, como abordagem de pesquisa, certamente encontraremos respostas, para pontos chaves de nossa aprendizagem que podem estar influenciando em nossos ensinamentos e nossa prática educativa.

Por ter sido despertada para uma reflexão sobre o tema do Fracasso Escolar na Alfabetização que certamente ocorre na realidade escolar, achei muito importante, tanto para minha própria formação docente, quanto para consulta de outros educadores, pois

acredito que a maioria dos professores não apresentam condições para especialização, oportunidade de reflexões, e nem mesmo interesse em aperfeiçoar-se, em se informar, em estudar, trocar idéias.

Que seja então este resultado de pesquisa e rememoração da prática e vivência, uma oportunidade de chegar mais próximo dos conhecimentos a serem levados em conta no dia-a-dia escolar, e garanto que será disponível a todos que quiserem ler e aumentar a pesquisa para novos enfoques.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BALLONE, GJ - Dificuldades de Aprendizagem - in. PsiqWeb, Internet, disponível em <<http://www.psiqweb.med.br/infantil/aprendiza.html>>revisto em 2003

BOSSA, Nádia Aparecida.. *A Psicopedagogia no Brasil: contribuições a partir da prática*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1994

CAGLIARI, Luiz Carlos. *Alfabetização sem ba – be – bi – bo – bu*. São Paulo: Scipione, 1998.

FERNÁNDEZ, Alícia. *A Inteligência Aprisionada*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1990.

FERREIRO, Emília. *Reflexões sobre alfabetização*. Trad. Horácio Gonzales. 18º ed. São Paulo: Cortez. Autores Associados. 1991.

FREIRE, Paulo. *A importância do ato de ler: em três artigos que se completam*. São Paulo: Cortez. Autores Associados. 1982.

GERALDI, João Wanderley. *Prática da Leitura de Textos na Escola. Leitura: Teoria e Prática*. ALB, 1984.

MOOJEN, S. Dificuldades ou transtornos de aprendizagem? In: Rubinstein, E.(Org.). *Psicopedagogia: uma prática, diferentes estilos*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1999. Disponível em: <<http://www.psicopedagogia.com.br/artigos/index.asp>, consulta em 2005.

SCOZ, Beatriz Judith Lima. *Psicopedagogia e realidade escolar: o problema escolar de aprendizagem*. Petrópolis: Vozes, 1994.

SILVA, Ezequiel T. da. *O Ato de Ler: Fundamentos psicológicos para uma nova pedagogia da leitura*. 4ªed. São Paulo: Cortez- Autores Associados, 1987.

TEBEROSKY, Ana, *Aprendendo a escrever, Perspectivas psicológicas e implicações educacionais*. São Paulo: Editora Ática SC, 1994.

UNICAMP, Faculdade de Educação – Proesf: Apresentação, princípios e objetivos. Site disponível: <http://www.fe.unicamp.br/ensino/graduacao/proesf.html>. Consulta realizada em 11/2005.